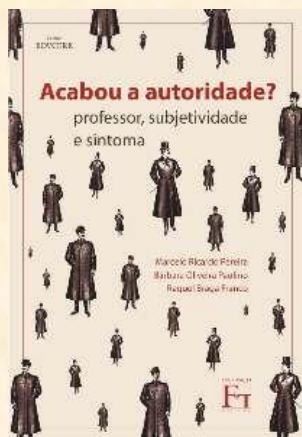

BOAVENTURA, M. Revisão de texto PEREIRA, M.R., PAULINO, B.O. & FRANCO, R.B. (2011) Acabou a autoridade? Professor, subjetividade e sintoma. Fino Traço / FAPEMIG. INFEIES – RM, 1 (1). Reseñas - Mayo 2012: <http://www.infeies.com.ar>



Reseña de libro
PEREIRA, M.R., PAULINO, B.O. & FRANCO, R.B. (2011)
*Acabou a autoridade? – professor,
subjetividade e sintoma*
Belo Horizonte: Fino Traço / FAPEMIG

Márcio Boaventura Jr.
Advogado, Pedagogo e Mestre em Educação
marcioboaventura@gmail.com

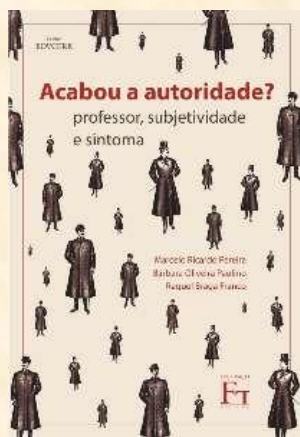
Resumen

¿Y entonces, se acabó la autoridad? Esa es la tarea que los autores se empeñaron en desentrañar en este libro. Para ello, analizaron las prácticas cotidianas y concretas de profesores buscando comprender cómo los docentes entienden, teorizan y crean salidas sobre el posible desplazamiento de su autoridad y el declinar del discurso que instituye su función. Este libro nos presenta el resultado de una investigación bien fundada que tiene éxito al intentar vislumbrar una respuesta a la pregunta formulada por el sesgo de un colectivo de singularidades. Para eso, los autores no retroceden frente a los límites del necesario debate teórico y atraviesan las tan confortables fronteras de los determinismos pedagógicos, fijados en el imaginario docente. El libro propone un rico debate, atravesado por la mirada que el psicoanálisis subraya, sobre todo la que se inspira en el lazo social, y en los fundamentos de la filosofía.

Palabras clave

Professor - autoridad - subjetividad - síntoma - psicoanálisis

BOAVENTURA, M. Revisão de texto PEREIRA, M.R., PAULINO, B.O. & FRANCO, R.B. (2011) Acabou a autoridade? Professor, subjetividade e sintoma. Fino Traço / FAPEMIG. INFEIES – RM, 1 (1). Reseñas - Mayo 2012: <http://www.infeies.com.ar>



Resenha de Livro
PEREIRA, M.R., PAULINO, B.O. & FRANCO, R.B. (2011)
*Acabou a autoridade? – profesor,
subjetividade e sintoma*
Belo Horizonte: Fino Traço / FAPEMIG

Márcio Boaventura Jr.
Advogado, Pedagogo e Mestre em Educação
marcioboaventura@gmail.com

Resumo

E então, acabou a autoridade? Eis a tarefa que os autores se empenharam em desvendar. Para tanto, analisaram as práticas cotidianas e concretas de professores buscando compreender como os docentes entendem, teorizam e criam saídas sobre o possível deslocamento de sua autoridade e o declínio do discurso que institui a sua função. O livro em questão apresenta-nos o resultado de uma pesquisa bem fundamentada que acerta ao tentar vislumbrar uma resposta à questão pelo viés de um coletivo de singularidades. Para isso, os autores não recuaram frente os limites do necessário debate teórico e desbravaram as tão confortáveis fronteiras de determinismos pedagógicos, fixados no imaginário docente. O livro traz um debate rico, permeado pelo olhar subjacente da psicanálise, sobretudo a que se inspira no vínculo social, bem como em fundamentos da filosofia.

Palavras-chave

professor - autoridade - subjetividade - sintoma - psicanálise

BOAVENTURA, M. Revisão de texto PEREIRA, M.R., PAULINO, B.O. & FRANCO, R.B. (2011) Acabou a autoridade? Professor, subjetividade e sintoma. Fino Traço / FAPEMIG. INFEIES – RM, 1 (1). Reseñas - Mayo 2012: <http://www.infeies.com.ar>



Review text
PEREIRA, M.R., PAULINO, B.O. & FRANCO, R.B.
(2011) Acabou a autoridade? – *professor, subjetividade e sintoma*
Belo Horizonte: Fino Traço / FAPEMIG

Márcio Boaventura Jr.
Lawyer, Educator and Master in Education
marcioboaventura@gmail.com

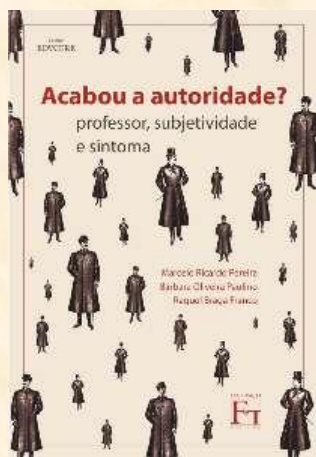
Abstract

And then, authority is gone? This is the task that the authors have endeavored to unravel. For this purpose, they analyzed the daily practices and specific teachers seeking to understand how teachers think, theorize, and create outputs on the possible displacement of its authority and the decline of discourse establishing its function. The book in question, give us the result of a well-founded research that hits when trying to view an answer to this question by the bias of a collective of singularities. For this, the authors do not decreased before the limits of the necessary theoretical debate and braved the comfortable boundaries of determinism as enshrined in the conceptualization of teaching, a rich debate permeated by looking at underlying psychoanalysis, especially that inspired by the social bond, as well as philosophy.

Keywords

Teacher - authority - subjectivity - symptom - psychoanalysis

BOAVENTURA, M. Revisão de texto PEREIRA, M.R., PAULINO, B.O. & FRANCO, R.B. (2011) Acabou a autoridade? Professor, subjetividade e sintoma. Fino Traço / FAPEMIG. INFEIES – RM, 1 (1). Reseñas - Mayo 2012: <http://www.infeies.com.ar>



Resenha de livro
PEREIRA, M.R., PAULINO, B.O. & FRANCO, R.B. (2011)
*Acabou a autoridade? – professor,
subjetividade e sintoma*
Belo Horizonte: Fino Traço / FAPEMIG

Márcio Boaventura Jr.
Advogado, Pedagogo e Mestre em Educação
marcioboaventura@gmail.com

Acabou a autoridade? Talvez essa seja uma das indagações que mais perturba os pensadores da contemporaneidade. Quando levamos essa questão ao âmbito da educação, os tambores parecem rufar mais fortes, tensos, sustentando um suspense que intriga e amedronta a platéia ansiosa a espera do veredicto.

Não é segredo que todo um discurso de desautorização docente vem sendo denunciado incessantemente pela mídia, que diariamente nos bombardeia com a suposta dificuldade de se sustentar a autoridade dentro dos muros da escola. Esse discurso, que encontra ressonância junto aos teóricos da profissão docente, parece sinalizar que a função de professor em nossa modernidade tardia sofreu considerável desgaste intelectual, social, cultural e econômico.

Como expressivos pesquisadores que são, Marcelo, Bárbara e Raquel, incomodados com esse burburinho, e encorajados pela perspectiva de diretamente ouvir dos docentes como esses percebem, entendem e teorizam o possível declínio de sua

BOAVENTURA, M. Revisão de texto PEREIRA, M.R., PAULINO, B.O. & FRANCO, R.B. (2011) Acabou a autoridade? Profesor, subjetividade e sintoma. Fino Traço / FAPEMIG. INFEIES – RM, 1 (1). Reseñas - Mayo 2012: <http://www.infeies.com.ar>

função, apostaram em fazer da pergunta “Acabou a autoridade?”, o lema de um estudo junto a subjetividade dos professores.

O livro em debate, que recebeu como título a famigerada pergunta que assola o campo educacional do século XXI, apresenta-nos o resultado de uma pesquisa bem fundamentada que acerta ao tentar visualizar uma resposta à questão pelo viés de um coletivo de singularidades. Para isso, não recuaram frente os limites do necessário debate teórico e desbravaram as tão confortáveis fronteiras de determinismos consagrados no imaginário docente, num debate rico permeado pelo olhar subjacente da psicanálise, sobretudo a que se inspira no vínculo social, bem como a filosofia.

Dividido em nove capítulos, a obra inicia seus argumentos contextualizando a suposta questão da desautorização dos professores. Para tanto, buscaram compreender os paradigmas que constituem a formação moral e profissional do docente contemporâneo. Destacam o solavanco que o advento da modernidade trouxe a mítica autoridade docente quando, ao igualar a todos em ideal e visando a uma educação das massas para a constituição do estado moderno, tencionaram o professor entre duas forças: a necessidade de se manter fiel às tradições e ao ideal da luta democrática.

Em seguida, os autores teorizam que de modo análogo à desautorização do professor, o prenúncio nietzschiano “Deus está morto” vem sendo também estudado em grande parte da literatura acadêmica. Teorias de diversas ciências humanas associam a crise de autoridade a um declínio de uma sociedade eminentemente patriarcal. Na esfera educacional, o dilema do declínio docente parece se alinhar ao dilema do declínio do pai ou, mais precisamente, da sua imago. Porém, salientam que ao invés de estarmos testemunhando o crepúsculo da imago paterna, talvez estejamos assistindo a alvorada

BOAVENTURA, M. Revisão de texto PEREIRA, M.R., PAULINO, B.O. & FRANCO, R.B. (2011) Acabou a autoridade? Profesor, subjetividade e sintoma. Fino Traço / FAPEMIG. INFEIES – RM, 1 (1). Reseñas - Mayo 2012: <http://www.infeies.com.ar>

de uma forma não tradicional de ser pai, ou seja, frente a um novo significante paterno que ainda nos confunde e do qual só podemos narrar a experiência.

A partir desse ponto, cumprida a necessidade da argumentação que antecedeu, os próximos capítulos foram destinados ao debate em torno da análise das entrevistas de orientação psicanalítica e questionários de 46 professores e educadores sociais que participaram da pesquisa.

Para tanto, ouviram as múltiplas causas apontadas pelos professores que justificam a desautorização docente. Apesar de bastante pulverizadas, as causas de se sentirem ou não desautorizados acabavam transitando em argumentos como as condições precárias de trabalho, a burocracia escolar, a falta de tempo para estudar ou se dedicar ao problema, os entraves das relações hierárquicas da escola, o choque geracional e as relações difíceis com os alunos, a heterogeneidade social, incluindo as formas não tradicionais de configuração familiar, o desprestígio da profissão, o avanço das tecnologias e o sentimento de inutilidade do professor, entre outras causas. Argumentos, esses, bastante semelhantes aos tecidos pelos teóricos da profissão, sugerindo a possibilidade dos docentes entrevistados estarem reproduzindo discursos proferidos pelos teóricos da categoria. Em suas justificativas também foram percebidos um apelo fácil aos discursos rasos acerca da noção de autoridade e uma tendência a construir teorizações embasadas nas experiências vividas no real do cotidiano.

Apontam também que os alunos, como destinatário da docência, são partícipes importantíssimos nesse jogo de poder e afetam diretamente a questão da autoridade e mal-estar docente. Um dos fatores mais falados pelos professores foi o desinteresse dos alunos. Diante dele, o docente sente-se desconfortável, sem conseguir exercer seu

BOAVENTURA, M. Revisão de texto PEREIRA, M.R., PAULINO, B.O. & FRANCO, R.B. (2011) Acabou a autoridade? Profesor, subjetividade e sintoma. Fino Traço / FAPEMIG. INFEIES – RM, 1 (1). Reseñas - Mayo 2012: <http://www.infeies.com.ar>

ofício. A escola parece tornar-se lugar não atraente e, seus representantes de primeira linha, os professores, são quem encaram diretamente essa rejeição. Nas entrevistas ficou evidenciado que, diante de tal quadro, o professor se vê obrigado a negociar com os alunos formas de conseguir ministrar suas aulas. Apela para estratégias subjetivas que visam à sedução dos alunos pela livre circulação da palavra, incitada pelos mesmos. Mas os autores chamam a nossa atenção para o fato de que essa saída encontrada por alguns docentes não são conversas que “sanam ou dão por encerrados os conflitos dos múltiplos e singulares sujeitos que ali se apresentam.”(p. 72), se configuram muito mais como sintomas da relação professor-aluno do que como solução para a questão do desinteresse e desautorização.

Outro fator interessante frente ao alunado é o destaque dado ao desinteresse dos adolescentes. Para os autores, há em nossa sociedade uma identificação intensa em relação à adolescência, por isso os professores, ao se igualarem aos jovens, evadindo do posto que lhe cabem para o de amigo, podem estar “contribuindo com o apagamento da diferença entre jovem e adulto, que pode ter como efeito o incentivo para esses adolescentes produzirem excessos e formas gozosas de diferenciação.” (p. 130)

Diversos motivos justificam a escolha da profissão docente pelos entrevistados. Os professores mostraram-se alinhados a um “discurso da nostalgia” que emparelha a docência a um ideal escolar imaginário, que talvez amplie a sensação de frustração e, conseqüentemente, desautorização frente ao real do cotidiano. Esse ideal da educação é fomentado pelo campo social e pelas experiências dos sujeitos quando de sua inserção na escola. Muitas dessas vivências constituem os registros que, posteriormente, configurarão como substrato para a “vocação” docente.

BOAVENTURA, M. Revisão de texto PEREIRA, M.R., PAULINO, B.O. & FRANCO, R.B. (2011) Acabou a autoridade? Profesor, subjetividade e sintoma. Fino Traço / FAPEMIG. INFEIES – RM, 1 (1). Reseñas - Mayo 2012: <http://www.infeies.com.ar>

Com fôlego, o livro ainda problematiza a questão do gênero e da feminização histórica e cultural do magistério que emerge na fala dos docentes entrevistados. Parece, aos autores, que o discernimento entre o materno e o pedagógico faz-se um tanto confuso frente às várias possibilidades de se educar. Suspeitam que várias mulheres se utilizam da pedagogia para tentar cientificizar seus saberes maternos femininos, fazendo com que o discurso pedagógico seja um “emparelhamento” do discurso materno, acarretando enfraquecimento político. Óbvio que esse fator soma-se aos demais detalhes que obscurecem a questão da autoridade do professor.

Para terminar sua análise, encerram o livro com uma interessante reflexão ao posicionarem a “mestria como sintoma”. Talvez, uma das maiores contribuições da ética da psicanálise ao âmbito educacional seja a possibilidade de incentivar novos caminhos, quase todos a serem trilhados na singularidade do ato do sujeito, mesmo que muitos desses percursos estejam na contramão da hegemonia dominante. O que se deseja é que o sujeito “compareça ali onde ele não está ou ali onde o discurso do outro o invade, o desorganiza e o faz produzir sintomas” (p.115). Não que essa seja a resposta definitiva, ou o fim da investigação de todos os dilemas enfrentados pela classe docente, mas que essa substância ética permita essa forma genuína do sujeito se apresentar no real: “nunca inteiro, sempre dividido; nunca o mesmo, sempre dado a invenção”. E em cada invenção uma saída, sem a necessidade intrínseca de ter de ser assertiva.